

# As sensações

## que a dança estimula

Espectáculo levado no meio da rua tem sessões concebidas para pessoas com deficiência visual

Por Mayariane Castro

A cidade de Brasília, seus prédios e espaços, serão o espaço cênico de *Microutopias Cotidianas Aglutinantes do Lugar*, obra da Anti Status Quo Companhia de Dança. A temporada gratuita começou na quarta-feira (12) e vai até o dia 29 de agosto.

As apresentações partem das imediações do Centro de Dança do Distrito Federal, no Setor de Autarquias Norte, e seguem por áreas dos Setores Bancário e Hoteleiro Norte. A programação inclui nove sessões para o público em geral, com três apresentações concebidas para pessoas com deficiência visual e debates após essas últimas sessões.

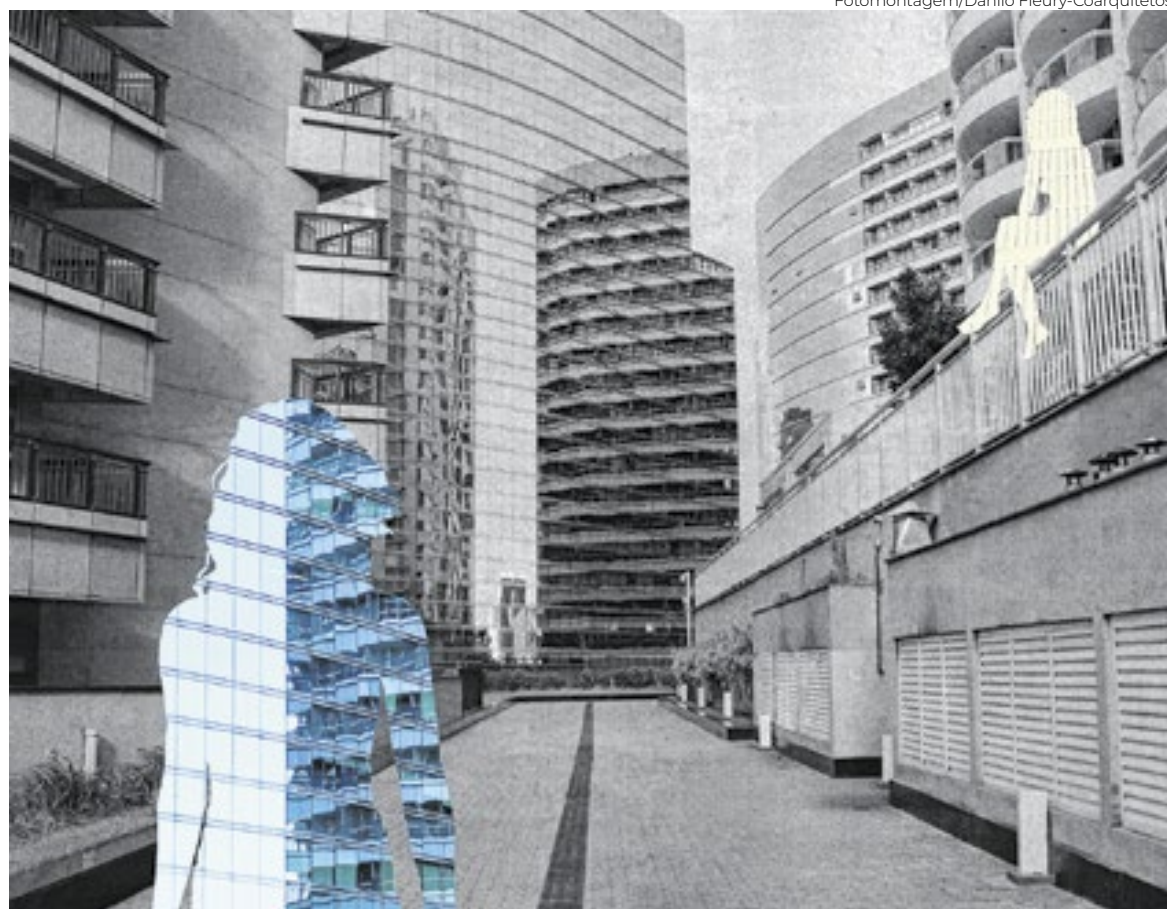
### Fora do palco

Criado em 2019, o trabalho substitui o palco convencional por um percurso realizado a pé. Durante cerca de 90 minutos nas sessões gerais, os espectadores percorrem um trajeto previamente definido enquanto ações

performativas, arquitetura, sons, paisagens, corpos e elementos do cotidiano integram a dramaturgia. A versão destinada a pessoas cegas e com baixa visão terá duração de 60 minutos e será realizada neste sábado (15) e nos dias 22 e 29 de agosto, às 9h30, com até dez participantes por sessão.

A principal novidade desta temporada é a criação de uma experiência específica para pessoas com deficiência visual. Em vez de adaptar a montagem existente ou utilizar apenas recursos de audiodescrição, a companhia desenvolveu outro modo de participação. Cada espectador é acompanhado individualmente por um artista-performer, responsável por conduzir o percurso a partir de uma relação de escuta, orientação e confiança.

O processo contou com a consultoria da audiodescritora Kleymara Kopavnick e da consultora cega Denise Melo. Segundo a companhia, a participação das profissionais contribuiu para aproximar a criação das experiências de pessoas cegas e com baixa visão. O grupo também realizou experimentações com os



Experiência propõe integrar a dança aos objetos urbanos das ruas por onde passa

olhos vendados e convidou pessoas com deficiência visual para acompanhar os procedimentos e participar de conversas com os bailarinos.

### Outras percepções

A diretora e coreógrafa Luciana Lara afirma que a pesquisa sobre outras formas de percepção

está relacionada ao percurso artístico da companhia. Em 2014, a obra *“De Carne e Concreto”* já havia explorado uma dança percebida pelo tato. Desde 2024, o grupo também pesquisa a audiodescrição estética, proposta que busca estabelecer uma relação sensorial com obras artísticas para pessoas com deficiência visual.

Na versão de *“Microutopias Cotidianas Aglutinantes do Lugar”*, a cidade deixa de ser apenas o ambiente onde a dança acontece e passa a integrar a experiência. O deslocamento a pé orienta a percepção dos participantes sobre lugares de passagem, sons, superfícies, movimentos, arquitetura e situações cotidianas.

# A cidade baila também

Pesquisa investiga as relações entre o corpo, suas percepções e o espaço urbano

A proposta faz parte da pesquisa *“Corpo e Cidade”*, desenvolvida por Luciana Lara desde 2003. O trabalho investiga as relações entre corpo, percepção e espaço urbano.

Como os locais percorridos estão sujeitos a alterações, cada temporada exige novo mapeamento e pode resultar em mudanças no trajeto, nas ações performativas e nas imagens produzidas ao longo da caminhada.

### Vida urbana

Segundo Lara, o espetáculo procura observar a vida urbana a partir de situações que costumam passar despercebidas.

A investigação iniciada pela companhia sobre as características arquitetônicas, urbanísticas

e históricas de Brasília ganhou, nessa etapa, outro foco: o cotidiano de uma cidade contemporânea e as maneiras pelas quais ele pode ser percebido.

A ambientação sonora também é formada pelos próprios sons da cidade. Não há a intenção de reproduzir uma paisagem sonora em estúdio para substituir o ambiente urbano.

Ruídos de trânsito, vozes, movimentação de pessoas e outros sons encontrados durante o percurso fazem parte da experiência.

O trabalho integra uma trajetória da Anti Status Quo voltada a formatos que aproximam dança, artes visuais, arquitetura, performance e intervenção urbana. Fundada em 1988, a companhia



Haverá sessões especiais para deficientes visuais

desenvolveu instalações coreográficas, trabalhos *“site specific”*, intervenções e obras em ambientes não convencionais.

A temporada também prevê ações de formação. A oficina

*“Corpo, Cidade e Microutopias”*, ministrada por Luciana Lara, foi realizada em 27 de julho, com interpretação em Libras e emissão de certificado. A atividade compartilhou procedimentos

da pesquisa *Corpo e Cidade*, incluindo exercícios de percepção, cartografia sensível e criação no espaço urbano.

Outro eixo do projeto é uma residência artística que reúne cinco bailarinos profissionais do Distrito Federal e integrantes da companhia. Conduzido por Lara durante cinco semanas, o processo aborda procedimentos utilizados pela Anti Status Quo e integra os participantes ao elenco da temporada. Os bailarinos também participam da versão destinada a pessoas com deficiência visual.

Os debates previstos para este sábado (15) e para os 22 e 29 de agosto ocorrerão depois das apresentações destinadas ao público com deficiência visual.